

KARL MARX E A LUTA CONTRA A ESCRAVIDÃO NEGRA

Karl Marx and the struggle against the black slavery

Alexandre Francisco Braga¹

RESUMO: O artigo pretende realizar alguns apontamentos atuais de categorias-chave para se compreender a eclosão da Guerra Civil na América do Norte, entre 1861 e 1865, quais sejam, o escravismo e o racismo presentes como elementos motrizes do conflito internacional e explicitar como tais categorias ainda tencionam as agendas dos negros nos Estados Unidos. No momento em que as lutas antirracistas ecoam com maior intensidade, o texto nos parece oportuno como contribuição para o debate das questões raciais envolvendo tanto os Estados Unidos quanto o Brasil e demais nações do mundo, na proporção em que traz novas abordagens de análises. Para isso e numa perspectiva metodológica interdisciplinar, dois autores são essenciais nessa tarefa para alargar a compreensão do fenômeno racial, Karl Marx e Frederick Engels (1974), uma vez que ambos elaboraram, cada qual ao seu modo, escritas sobre aquela guerra. Dessa forma, a herança da Guerra Civil americana influencia díspares aspectos fenomênicos sociais, políticos, étnicos, jurídicos e mentais na vida das pessoas negras, cujo grau de sociabilidade ainda não se realizou devidamente.

Palavras-chave: abolição, escravismo, Estados Unidos, Marx.

ABSTRACT: This article explores Karl Marx's interpretation of on key categories to understand the outbreak the Civil War in the United State between 1860 and 1865, namely the slavery and racism present as driving elements of that international conflict and explain how such categories still intend tensions the agenda of black in United States. At a time when anti-racist struggles echo with greater intensity, the text an opportunity to analyze as the contribution to the debate on racial issues involving both the United States and Brazil. For this and in an interdisciplinary methodological perspective, two authors are essential in this task to broaden the understanding racial phenomenon, Karl Marx and Frederick Engels (1974), since both authors wrote, each in his own way, about that war. Thus, the legacy of the American Civil War influences disparate social, political, ethnic, legal, and mental phenomena in the lives of black people, whose degree of sociability has not yet properly realized.

KEYWORDS: abolition, slavery, United States, Marx.

¹ Alexandre Francisco Braga é mestrando em Direito na Universidade Federal de Minas Gerais. Email: bragafilosofia@yahoo.com.br.

1) Introdução

De acordo com uma série de artigos jornalísticos publicados no *New-York Daily Tribune* Karl Marx apresenta, no período entre 1852-1870, um panorama denso não só da Guerra da Secessão, mas igualmente da luta negra contra a escravidão em artigos, exertos e correspondências trocadas entre ele e membros dos Círculos Germanistas norte-americanos, dos quais merecem destaque o Coronel Joseph Weydemeyer (1818-1866), editor da *Nova Gazeta Renana* na época em que Karl Marx fora um dos seus redatores e devido à repressão contra as “Jornadas de Junho” na Alemanha, de 1848, Weydemeyer, que, era da Liga dos Comunistas, foi obrigado a se exilar nos Estados Unidos da América tendo lutado nessa guerra ao lado dos antiescravistas. Friedrich Adolph Sorge (1828-1906), que tinha sido condenado à morte por também ter participado das “Jornadas de Junho”, conseguiu fugir para a América do Norte, e em 1857 fundou o “Clube dos Comunistas de Nova York”, tendo, inclusive, participado da campanha abolicionista. E a jovem Florence Moltrop Kelley (1859-1932), nascida na Filadélfia, mantinha mensagens com Frederick Engels, e na fase final do conflito, contribuiu para a fundação em 1905 da Associação Nacional para o Progresso de Pessoas de Cor (NAACP, sigla em inglês), e liderou o movimento pela “Abolição do Salário” e foi casada com um socialista polaco, de ascendência russa.

Essa série de correspondências com os ativistas que moravam lá no foco dos conflitos, possibilitou à Marx fazer reflexões particulares e interessantes sobre sua visão das lutas sangrentas contra a escravidão, consideradas pelo jornalista alemão como a “primeira grande guerra da história contemporânea” (Marx e Engels, 1974, p.23), Marx aproveitou das raízes progressistas do movimento antiescravidão e antiguerra do *Tribune* para narrar um acontecimento impactante para a formação da classe trabalhadora nos Estados Unidos que foi a Guerra Civil. Marx, na função de correspondente internacional, deu uma tonalidade e um caráter revolucionário em suas análises daquilo que acontecia em terras americanas, mesclando temas econômicos, políticos, jurídicos e sociais da Guerra Civil, diversamente chamada como Guerra da Secessão, Guerra de Agressão Nortenha, ou também, de Guerra da Abolição, pois foram estes os assuntos que motivaram o conflito bélico naquele país. Assim, raramente Marx aborda em seus textos jornalísticos os assuntos da América do Norte sem fazer referência ao trabalho dos escravizados e sua correlação com temas gerais. De certa forma, ao criticar os arranjos políticos do sistema escravista, Marx tinha certa admiração por Abraham Lincoln e seu Partido Republicano por suas posições antiescravistas, como teve oportunidade de publicizar tal admiração na Associação Internacional dos Trabalhadores.

Marx e Engels nos possibilitam transpor as barreiras da compreensão do problema escravista elevando a análise da questão do trabalho cativo para a passagem do trabalho livre, e suas consequências nos dias atuais. No artigo “*A questão americana na Inglaterra,*” Karl Marx delimita bem qual era, de acordo com sua visão, as intenções da guerra:

É de bom grado reconhecer que, no primeiro caso, o ponto de partida é correto. De fato, a guerra não se iniciou com o objetivo de abolir a escravidão, e o governo dos Estados Unidos causou a si mesmo este grande mal, por haver rejeitado qualquer ideia deste gênero. Mais ainda, é necessário lembrar que o Sul começou esta guerra, o Norte apenas se defendeu. Com efeito, só depois de longas hesitações e de manifestar uma paciência sem igual nos anais da história da Europa, o Norte desembainhou a espada, não para acabar com a escravidão, mas para preservar a União (Marx e Engels, 2017, p.126).

As intenções do Sul eram claramente defender os interesses da “instituição particular”, embora confessasse lutar contra a redução de certos homens à escravidão e para cujo contexto estava envolto tanto a vitória do Partido Republicano e a eleição de Abraham Lincoln à Presidência do País. Os confederados tinham claro que “[...] *a escravidão como algo bom em si e por si, uma salvaguarda da civilização e uma instituição divina*” [...] (Marx & Engels, 2017, p.126). Conforme Marx & Engels (2017, p.126), o Sul se vangloriava por estar na guerra pelo sucesso da escravidão.

A usurpação crescente da União pelos poderes escravistas atuando em aliança com o Partido Democrata do Norte é, por assim dizer, a fórmula geral da história dos Estados Unidos desde o início deste século. As sucessivas medidas de compromisso correspondem também a sucessivos graus de usurpação através dos quais a União foi se transformando, sistematicamente, em uma espécie de serva dos proprietários de escravos do Sul. Cada um desses compromissos significa uma nova usurpação pelo Sul e uma nova concessão do Norte (Marx & Engels, 2017, p.128).

Karl Marx sublinha que reconhecia que de certa feita a reflexão estava correta, pois, de fato, a guerra não tinha eclodido com o objetivo de abolir a escravidão e que fora o Sul que a começou tendo o Norte apenas “*se defendido*” (Marx & Engels, 2017, p.126). Assinalou Marx e Engels (2017, p.126) que “[...] o Norte desembainhou a espada, não para acabar com a escravidão, mas para preservar a União”.

Como exemplo, no terreno político, a Lei Kansas-Nebraska² apresentada pela primeira vez na história dos EUA, almejava destruir “[...] *todas as barreiras legais à extensão da escravidão no território do país*” (Marx e Engels (2017, p.128); todavia sua extensão do comércio negreiro era mais vasta do que na época da sua existência legal. Marx cita como fatores para desacelerar esse processo

² Através da qual o Congresso dos Estados Unidos, em ato de 1854, ampliou o fosso entre o Norte e o Sul com a extensão da escravidão para demais áreas como Kansas e revogou uma lei de 1820 do Missouri que proibia a escravidão no País. Nebraska ficou do lado antiescravidão já Kansas se tornou território escravista, levando a um recha no Partido Republicano, com a formação de uma nova agremiação opositora desse projeto e da violência nas regiões já sob domínio da escravidão.

três acontecimentos fundamentais: 1) o conflito sangrento no Kansas; 2) a formação do Partido Republicano; e 3) a grande quantidade de votos dados ao candidato Frémont na eleição presidencial de 1856. Juntos, esses episódios davam provas da força que o Norte tinha, inclusive

[...] energia suficiente para retificar as aberrações que caracterizaram a história dos Estados Unidos durante o meio século em que esteve sob o poder dos senhores de escravos, restabelecendo os verdadeiros princípios de seu desenvolvimento (Marx e Engels, 2017, pp.128-129).

Diante desse quadro político tenso, Marx afirmava que o abuso da União em manter os interesses escravistas ou deveria retroceder ou deveria ser combatido pela força. Posteriormente, Karl Marx vai ampliar e rever suas posições a respeito da Guerra Civil com base nos relatos enviados pelos germanistas e membros dos círculos socialistas nos Estados Unidos, chegando à conclusão de que aquela guerra teve um caráter progressista e revolucionário ao mesmo tempo, fazendo nova avaliação do conflito:

Agora, em primeiro momento, a premissa deve ser admitida. A guerra não foi empreendida com o objetivo de acabar com a escravidão, e as próprias autoridades dos Estados Unidos têm se esforçado muito para protestar contra qualquer ideia desse tipo. Mas então, é preciso lembrar que não foi o Norte, mas o Sul, que empreendeu esta guerra primeiro atuando apenas na sua defesa [...] (Marx & Engels, 1974, p.4, tradução livre nossa³).

Com uma nova postura diante da batalha, Marx confessa que a luta pela liberdade dos povos escravizados seria garantida pela vitória do candidato Lincoln e seu Partido Republicano. De acordo com que Marx escreveu em 7 de novembro de 1861, a Guerra da Secessão era a “*emancipação dos escravos*”, portanto, uma Guerra da Abolição. Ademais, para Marx, era essencial e evidente que a própria emancipação da classe trabalhadora da América do Norte dependeria, preliminarmente, da destruição da escravidão negra (Marx & Engels, 1974, p.14). Pois a Guerra da Secessão tinha distintos fatores que atuaram conjuntamente ou que tinha diversas motivações:

1) A Justiça Racial, pela qual a eclosão do conflito armado nos Estados Unidos da América do Norte, foi provocada pelo problema da escravidão negra, tendo sido mobilizadas 186.017 tropas

³ “Now, in the first instance, the premise must be conceded. The war has not been undertaken with a view to put down slavery, and the United States authorities themselves have taken greatest pains to protest against any such idea. But then, it ought to be remembered that it was not the North, but South, which undertook this war the former acting only on the defense [...]” (Marx & Engels, 1974, p.4).

negras e híbridas, compostas por pretos e mestiços que atuaram em mais de 198 batalhas campais e ceifando 68.178 homens de cor com o objetivo de derrotar o Sul escravista;

2) Impasse do Pacto Federativo, na qual desencadeou um impasse de caráter jurídico-político, na medida em que as instituições já não conseguiam atender às demandas dos elementos em disputa, e 15 estados de matriz latifundiária não congregavam os mesmos valores civilizatórios e romperam a unidade política, perfilando uma Confederação em 4 de fevereiro de 1861 composta por Alabama, Carolina do Sul, Flórida, Geórgia, Louisiana e Mississippi, tendo à frente o autoproclamado presidente dos Estados Confederados da América, Jefferson Davis;

3) Questão econômica, já que a “*The British cotton trade*”⁴ elenca uma tríade de fatores justapostos, sendo um deles no peso financeiro da exploração escravocrata sulista. Outro foi o estrago gigantesco na vida dos fazendeiros brancos dependentes da monocultura e a incapacidade de dar continuidade ao processo de acumulação necessária à sobrevivência da sociedade norte-americana, uma vez que a burguesia nortista tinha no protecionismo um antídoto contra os produtos ingleses, e a sulista, aristocrática, queria a escravidão como mola propulsora da economia.

Contudo, era fundamental um mercado consumidor com uma mão de obra barata, contrária ao que pretendia o escravismo econômico e fundiário do Sul. O início da vida fabril inviabilizou qualquer possibilidade da continuidade daquilo que Charles Beard denominou “dois sistemas econômicos e sociais divergentes, um de ordem monoagrícola baseada na escravidão, e o outro um sistema diversificado de produtividade agrária e industrial, construído sobre a mão de obra livre” (Beard, 2018 apud Marx & Engels, 1974, p.18, tradução livre nossa⁵). Portanto, configurou-se sistemas econômicos antagônicos;

4) Luta de classes, pois ficou nítido o espectro da composição classista da Guerra da Secessão que não apresenta grandes variações quanto à consciência de classes dos grupos que protagonizaram as principais batalhas nos campos jurídico, político e bélico, logo, performando aquilo que Marx denominou de “oposição”, e não um grande antagonismo entre esses grupos na disputa norte-americana. Homens brancos, heterossexuais e oriundos de matrizes religiosas cristãs, ainda que com algumas variantes, foram à guerra representando distintos setores de um mesmo projeto político. As oligarquias que se jogaram na guerra fratricida (latifundiários, industriários, banqueiros, comerciantes

⁴Conforme o New-York Daily Tribune, 14 de outubro de 1861; Transcrição: por Tony Brown.

⁵ Tradução livre nossa de: “two divergent two economic and social systems, one a mono-agricultural order based upon slavery and the other a diversified system of agrarian and industrial productivity built upon free labor.”

e pecuaristas) tensionavam interesses, além de burgueses, indiscutivelmente capitalistas, ou seja, performavam uma mesma identidade de classe na defesa de preocupações liberais;

5) Questão agrária, na medida em que não só a crise do algodão e sua repercussão na economia planetária desembocou o conflito armado estadunidense. A própria lógica da *plantation* era um entrave para os interesses do mercado doméstico que almejava expansão, principalmente para a Europa, notadamente para a Inglaterra. A monocultura praticada pelos sulistas era incompatível com o desenvolvimento do capitalismo, mas impedia ainda, em gigantescas proporções, a modernização do campo. Isto significava um razoável lucro com uso intenso da mão de obra escrava nas plantações, porém atrasava sobremaneira os avanços tecnológicos exigidos pelas exportações e cujas intenções eram, claramente, submeter o setor agrário ao domínio do capitalismo industrial em confronto ao agronegócio (plantação de arroz, algodão e fumo) local e regional. O processo rápido de industrialização e a ascensão do “Oeste Dourado” aceleraram as medidas para atender ao crescimento populacional das regiões Oeste e Leste e levaram a um contínuo investimento em manufaturas, deixando, cada vez mais, o campo para trás e em confronto com a nova lógica societária e agropastoril que necessitava de produtos *outlet*.

Há, dessa forma, uma relação causal entre a questão agrícola antiquada e a obrigatoriedade de modernização da agricultura dos Estados Unidos da América do Norte, que ficou em contradição com o avanço e hegemonia do capitalismo no campo e na sociedade. Neste meio-tempo, e ainda dentro do contexto da sublevação nortista, houve um problematizador movimento abolicionista, tenso e vitorioso. Contudo, regrado pela manutenção do racismo estrutural, já que cresceu na opinião pública e nos setores das elites posicionamentos antiescravistas interessados na valorização do trabalho livre, no entanto, não distante das discriminações raciais e étnicas. Isto posto, a tão sonhada igualdade racial plasmada nos valores dos direitos humanos e nos princípios humanitários não foi realizada de forma plena. O fim da escravidão não levou ao fim do racismo, inclusive nos “*estados escravistas*”, como registrou Marx (1974).

2) Guerra da Secessão ou Guerra da Abolição?

Pelo já exposto acima, nem Marx, como comentarista de jornal, nem Engels, como especialista em assuntos e estratégia militares, acreditavam em um possível sucesso da região Norte diante do ataque sulista. Inclusive, como a própria condicionante negra poderia pautar os bastidores do conflito e influenciar os rumos da guerra. Esse tom racial só vai ser, definitivamente, central nas negociações

com a agudização da conclusão do retrocesso que representava não só a escravidão como modo de produção, mas bem como, a incompatibilidade do avanço modernizador e industrializante que representava para a cena política do país com o trabalho realizado pelos escravizados. Nesse aspecto, inúmeros autores têm se debruçado em configurar esse conjunto de episódios com variadas narrativas a partir do lugar de fala e motivados por interesses ideológicos distintos, como categorizadas como Guerra Civil por Izecksohn (2016), Aptheker (1983) e Milton (1941). Ou como Primeira Guerra Mundial, como propuseram Beard e Beard (2018). Esses autores destacam o papel central que a escravidão teve para fomentar a eclosão das batalhas nos territórios estadunidenses e a prevalência de uma historiografia que minimiza a importância da raiz escravocrata do conflito, enfocando as rivalidades regionais e diminuindo a composição negra dessas lutas.

Outra possibilidade de interpretação é que aquela guerra foi uma “Revolta dos Escravos Negros Americanos”, de acordo com a classificação feita pela Associação Internacional dos Trabalhadores em carta enviada ao presidente Lincoln em 1865 como a “Guerra Contra a Escravidão Negra”; e finalmente, como Marx tem registrado em seus artigos jornalísticos para as redações dos jornais europeus, especialmente os órgãos da imprensa de Londres, a “Guerra dos Escravos”. Assim posto, nos parece condizente com as pregações contra o sistema escravocrata elaboradas em conjunto com Engels adotar uma posição que valorize o protagonismo e a linha interpretativa negra. Sobretudo quando Marx registra que: “[...] de resto, quanto aos fatos registrados pelo Tribunal que o Norte agora fala abertamente sobre a guerra escrava e da destruição da escravidão” (Marx & Engels, 1974, p. 222⁶).

Configurar a Guerra Civil Americana como também uma “Guerra da Abolição” ou “Guerra dos Escravos” diz muito do principal elemento que foi a mola propulsora dos empreendimentos militares, que alistou 186 mil tropas compostas por combatentes de diversas cores, realizou 198 confrontos armados e teve mais de 70 mil homens negros mortos nas batalhas campais e marítimas, tendo, inclusive, sido o foco dos principais roteiros das fugas dos ex-escravizados para comporem os agrupamentos militares em defesa do “Tio Sam”. Além do que teve como motivação o elemento econômico, o impasse do pacto federativo, o problema agrário, a justiça racial, e como ficou demonstrado, a questão da abolição da escravatura, que já não atendia mais aos novos padrões de comportamento societal e financeiro com a hegemonia da industrialização e a nascente sociedade burguesa norte-americana. Eliminar a escravidão era, portanto, tarefa inadiável para o sucesso das novas relações sociais, empresariais e comerciais dos Estados Unidos da América do Norte com seus parceiros de negócios na Inglaterra, mas não só. Por esse ponto de vista, era uma obrigação deixar

⁶ *“for the rest, I see by the facts reported in the Tribune that the North now speaks openly of a slave war and the destruction of slavery”*

par trás todos as travas que impediam o avanço civilizacional da modernidade e do capitalismo ascendentes.

Dessa forma, a Guerra da Abolição Americana cumpriu essa tarefa modernizadora com excelência! Dentro dessa perspectiva bélica, Marx é rigoroso: “luta do abolicionista pela solução final da questão escrava” ((Marx & Engels, 1974, p.143⁷). Ademais, o *Mouro* acreditava que “[...] in its civil war phase, the revolution abolished chattel slavery and destroyed the old plantocracy [...]”(Marx & Engels, 1974, p.143, tradução livre nossa⁸), ou seja, havia uma fase na guerra civil cuja etapa revolucionária era acabar com os resquícios da escravidão e da velha plantocracia.

3) Efeitos do racismo e do escravismo nos Estados Unidos da América do Norte

As categorias do racismo e do escravismo têm tudo a ver com a guerra nos EUA, pois guardam conexão com o fato de que a escravidão moldou a economia e a sociedade daquele país. Na mesma proporção está o racismo que compôs a cadeia produtiva do mercado mundial e das relações sociais, como bem definiu Marx n’O Capital, como social e como hierarquia em que entronizou as pessoas de pele branca no topo dessa cadeia. Enquanto no Atlântico da economia liberal desfraldava-se a bandeira abolicionista apenas sob pressão dos movimentos dos escravizados e da classe trabalhadora, como registrou Battistini (2021, p. 159). Obviamente, não sem um alto grau de tensionamento, já que no Sul havia toda uma articulação política visando manter inalterado o sistema escravista. A grita deu-se justamente para interromper esse ciclo de desumanidade. Digno de nota as posições dos prepostos do setor latifundiário sulista no Congresso, uma vez que havia toda uma camada de fazendeiros e seus representantes parlamentares contrários à soltura dos cativos e opositores daquilo que Marx denominou em carta à Lion Philips de “*irrepressible conflict*” (Battistini, 2021, p. 159).

⁷“in its civil war phase, the revolution abolished chattel slavery and destroyed the old plantocracy.”

⁸ [original].

O conflito irreprimível a que Karl Marx faz alusão está inserido na grande contradição das classes sociais que protagonizaram a luta armada, pois alguns dos principais setores beligerantes acreditavam que a escravidão era benéfica para a economia estadunidense:

O Congresso confederado vangloriou-se de que é uma constituição nova, diferente da Constituição dos Washingtons, Jefersons e Adamises que reconheceram pela primeira vez que a escravidão era uma coisa boa em si mesma, um baluarte da civilização e uma instituição divina. (Marx & Engels, 1974, p. 4, tradução livre nossa⁹).

Ainda conforme os textos jornalísticos de Marx, o Norte professava uma luta em defesa da União, enquanto o Sul lutava por uma rebelião para manter a supremacia escravista negra (Marx & Engels, 1974, p. 4). E, de fato, foi o que aconteceu, quando os sulistas declararam que estava quebrado o pacto federativo e proclamada a CSA (Confederate States of America). Porém, num claro apontamento da manutenção do processo escravizador dos trabalhadores negros nas plantações e na economia agrária, baseada no escoamento do algodão para a Inglaterra, as classes sociais que foram à luta nessa “guerra revolucionária”, nos dizeres de Marx, já estavam cindidas pelo escravismo e a presença afro no contexto do conflito assinalou o grau de intensidade e marcou, também, o enegrecimento da sociedade americana tanto do Norte quanto do Sul, dado que o número de homens livres em comparação com os escravizados na região dos estados de fronteira era um termômetro e vital para a mensuração de como o sistema escravista poderia ser medido.

Na Carolina do Sul havia 402.541 escravizados para 301.271 homens livres, no Mississipi a proporção era de 436.696 escravizados num universo de 354.164 homens livres e no Alabama havia 435.132 pessoas em regimes de escravidão e 529.164 indivíduos livres, de acordo com os relatos de Karl Marx (Marx & Engels, 1974, p. 76). Já para Blackburn (2011, p.9), dos 11 milhões de habitantes da região Sul, em 1860, 7,5 milhões eram de brancos e 3,5 milhões eram pessoas escravizadas. Este breve demonstrativo demográfico é relevante na medida em que possibilita analisar o quanto o fator eslavo estava presente nos bastidores e no teatro da guerra, que, sem sombra de dúvidas, pode ser categorizado como a “Guerra da Abolição”, tamanha a importância do tema para o conflito bélico dos EUA daquela época.

No entanto, e apesar da forte preponderância desse fator e dos enormes apelos pela abolição da escravatura, as campanhas de sensibilização dos diversos setores da sociedade sulista e nortista

⁹ Tradução livre nossa: “*The review of these old laws laid bare what many Virginians already knew or had directly experienced: the Commonwealth’s state-sanctioned segregation and racial oppression had been pervasive, far-reaching, intentional, and strategic. Whether it was through creating segregated neighborhoods or imposing poll taxes, assigning segregated schools or providing inferior health care, all branches of Virginia government did all they could to separate races and ensure that White Virginians were advantaged over Black Virginians.*”

não foram suficientes para eliminar os aparatos racistas e nem para acabar com a segregação racial, principalmente na legislação e na cadeia jurídica do País. Uma lei de 1845 fez do Texas um dos maiores em se tratando de regimes escravos, porém, por volta de 1860, já tinha uma significativa oposição à oligarquia escravista. Situação parecida vivia a Georgia, com quase metade da sua população em regime cativo. Lá, os proprietários de escravizados não conseguiram impor, pelo voto geral do povo, a Constituição sancionada em Montgomery (Marx e Engels, 1974).

Assim, o litígio performava interesses pela extensão territorial e pela perpetuação da escravidão por parte dos latifundiários, como anotou Marx (Marx e Engels, 1974, p.79). Sem embargo, os planos de conquista da região Sul foram derrotados, e a escravidão foi sendo abolida do ponto de vista oficial, sobretudo com a aprovação da Emenda 13. Mas nessa “revolução inacabada”, conforme opinião de Eric Foner (Blackburn, 2011, p.5), a parafernália segregacionista não foi dissolvida, e ainda em pleno século XXI, podemos sentir os efeitos e as consequências do racismo estrutural que moldou e continua a moldar as relações sociais e de produção que não poderiam conviver com dois sistemas justapostos, um escravocrata e outro de trabalho livre (Marx & Engels, 1974). O sistema escravocrata perdeu folego na História, todavia o racismo ainda está presente nessas relações porque não foram adotadas medidas de inclusão para os afro-americanos, ou porque algumas ações nesse sentido não fizeram o efeito planejado, tal como aconteceu com o Gabinete Freedman, entre 1865 e 1866, cujo pacote de “doação” de comida, roupas, medicamentos e terras para a comunidade que saiu do regime de escravidão foi praticamente ineficaz. Por não ter sido encampado como política pública de Estado, o Gabinete Freedman deixou uma lacuna que ainda hoje demanda por serviços, assistência e ações de promoção da igualdade racial para a população negra estadunidense.

E os movimentos pelos direitos civis justificam-se perfeitamente no cenário pela valorização da cidadania, hoje, por causa do racismo e do escravismo presente na sociedade dos EUA. Tendo como parâmetro que o fato de ser abolicionista, como foi a saga afro-americana, não significativa estar despido dos traços racistas, como tem sido registrado no desenvolvimento societário no país que mais prega o receituário liberal, isto porque ser abolicionista era uma coisa pontual e ser antirracista era uma orientação que poucos tinham em mente nos movimentos antiescravidão, como ficou marcada a história norte-americana. Essa tragédia é ainda mais dolorosa quando se computa que a grande quantidade dessa tradição racista é plasmada nas agências governamentais e na estrutura pública dos governos e o dos agentes públicos. É notório que lá há uma gigantesca parcela de homens negros encarcerados, bairros inteiros não comungam a sociabilidade interracial, onde casamentos entre raças são proibitivos e toda uma teia de relações que são marcadas pela divisão racial, na qual

a ausência de corpos negros nos espaços de poder e de visibilidade positiva é uma realidade crua tanto nas cidades, condados e outros espaços de vivência social da vida norte-americana.

4) Considerações Finais

Karl Marx tinha em conta que a escravidão era uma unidade econômica que configurou e configura as lutas da população negra nos EUA, nas colônias e naquilo que sobrou da resistência negra no pós-abolição, pois somente uma pequena porção do que conhecemos como cidadania foi posta aos ex-escravizados. Desde a Guerra Civil, que podemos chamar de “Guerra pela Abolição”, entre 1861-1865, foi configurando-se uma luta antiescravista que logrou êxitos em diversos estamentos sociais, mas que, na mesma medida, não incorporou os negros e as negras ao processo societário norte-americano e alhures. Pior. De lá para cá uma tríade performou um aparato que incorporou o racismo estrutural na vida cotidiana do País, como vimos nas recentes manifestações dos movimentos de afirmação afro, como o *Black Lives Matter*, mas, antes, nas próprias campanhas pelos Direitos Civis dos anos 1950 e 1960 e que hoje estão presentes na sociedade estadunidense, conformando leis segregacionistas e de discriminação racial que fazem dos EUA ter dois países cindidos pelo preconceito arraigado, de marca. Portanto, são atuais e têm justificativa de ser as políticas de ações afirmativas visando dirimir o que a Guerra Civil não conseguiu resolver ao seu tempo.

Referências Bibliográficas

APTHEKER, Herbet. 1983. **American Negro Slave Revolts**. International Publishers Co.

BATTISTINI, Matteo. 2021. **Karl Marx and the Global History of the Civil War: The Slave Movement, Working-Class Struggle, and the American State within the World Market**. *International Labor and Working-Class History*. n.100, pp.158-185. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/international-labor-and-working-class-history/article/karl-marx-and-the-global-history-of-the-civil-war-the-slave-movement-workingclass-struggle-and-the-american-state-within-the-world-market/5FE4B6669063991CEA6B830DEF314313>. Acesso em: 18 abr. 2023.

BEARD, Charles;BEARD, Mary Ritter.2018.**History of the United States (Vol. 1-7):** From the Colonial Period to World War I.Musaicum Books.

IZECKSOHN, Vitor.2016. **Os Desafios da Segunda Escravidão.Escravidão e capitalismo histórico no século XIX:** Cuba, Brasil, Estados Unidos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.320p.Diposnível em: <https://www.redalyc.org/journal/770/77052260009/movil/>.Acesso em:18 abr.2023.

MARX, Karl. ENGELS, Friedrich.1974.**The Civil War in the U.S.**New York, International Publishers Co.

MARX, Karl;ENGELS, Friedrich..2017.**A Guerra Civil nos Estados Unidos (1861-1865).**Tradução de: Muniz Ferreira.*Crítica Marxista*,n45,pp.125-157.Disponível em:https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/documento2018_06_29_20_38_33.pdf. Acesso em: 30 jan.2023.

MILTON, George Fort.1941.**Conflict: The American Civil War.** Washington.DC:The Infrantry Journal.